

REFLETINDO SOBRE PARADIGMAS

Prof^a. Dra. Janete de Aguirre Bervique

Docente do Curso de Psicologia - FASU/ACEG

RESUMO

Este artigo refere-se ao conceito de paradigma e de mudança paradigmática. Inclui as concepções de 17 (dezesete) professores universitários. Termina abordando a mudança como um desafio ao homem contemporâneo.

ABSTRACT

This paper focuses the conception of paradygma and of paradygmatics change. It includes the conceptions of 17 (seventeen) universitaire teachers. It finishes broaching the change how a challenge to the contemporaneous man.

Introdução

Paradigma, paradigmas... A palavra paradigma tornou-se chiclets na boca de criança: masca, chupa, estica, tira o docinho da superfície e, passado esse momento, não serve para mais nada, cai no repertório passivo, não tem mais significado.

Palavra do discurso acadêmico contemporâneo, intelectualizado, racional, sem vida: paradigma cartesiano, paradigma holístico, paradigma ecológico, paradigma bioético, paradigma isto, paradigma aquilo... Conceito abstrato, não objetivado na prática.

Afinal, o que é um paradigma, o que são paradigmas? O que significa? Para que serve? As pessoas usam esse vocábulo, discutem-

no, mas a prática acadêmica está “desparadigmatizada”. Uns dizem que é um modelo; outros, o protótipo de um modo de fazer; este, um modo de pensar; aquele afirma que é um jeito de pensar, de fazer e de ser próprio do “zeitgeist” ou seja, do espírito de uma época. Entretanto, há uma distância entre o que se diz e o que se faz...

Paradigmas e Mudanças Paradigmáticas

O termo “paradigma” foi introduzido na literatura científica na década de 50 (século XX, portanto), pelo sociólogo Thomas Kuhn em seu livro **A Estrutura das Revoluções Científicas** (1987), traduzido para o português 30 anos depois; o sentido dado por ele é muito preciso, diferente do que lhe é atribuído hoje, ou seja, de uma “superteoria” ou “visão de mundo”. Entretanto, na concepção de Kuhn, teorias não são paradigmas, pois “estes são mais sutis, mais profundos, seu alcance é muito maior” (WILBER, 1989). Segundo Wilber, físico contemporâneo, que vem exercendo acentuada influência na Psicologia, com a formulação recente do “espectro da consciência”, os paradigmas são inconscientes, isto é, lida-se com eles sem saber que eles existem. E em entrevista concedida à Revista THOT, apresenta uma definição:

“Um paradigma é, pois, um conjunto de princípios cognitivos inconscientes e pressupostos que definem o tipo de dados que somos capazes de ver em primeiro lugar” (WILBER, 1989, p.70).

Assim, Freud, por exemplo, não iniciou um novo paradigma; apenas continuou a caminhar por uma trilha já demarcada, concebendo algumas teorias novas, tendo como fontes Darwin, para a sua teoria dos instintos, Nietzsche quanto à repressão

dos instintos e Hartmann quanto à abordagem do inconsciente; não alterou, portanto, de maneira fundamental, os tipos de dados vigentes, procedentes da Física clássica, mas os reuniu de maneira inédita.

As novas descobertas complementam e esclarecem as anteriores, mas não as substituem, como pensava Kuhn; ou seja, o avanço da ciência não acontece por meio de substituições paradigmáticas. Ele acabou por admitir que “os progressos da ciência obedecem a uma estrutura ‘arbórea’ ou ‘ramificada’, sendo, portanto, cumulativos e não paradigmáticos” (KUHN, apud WILBER, 1989, p.70).

Como acontece, então, a mudança ou transformação paradigmática?

Capra (1989), em sua obra **O Ponto de Mutação**, discute, bipolarmente, as concepções mecanicista e sistêmica de vida, tendo como suporte a passagem a Física clássica de Newton e Descartes para a Mecânica quântica da “Nova Física”. Isto porque os “novos físicos” – não sei se compreenderam, perceberam, ou intuíram que existem muitos grupos de dados na existência que a Física e a Mecânica clássicas não podem explicar de maneira causal, ou seja, pela relação causa / efeito, dos quais, segundo Wilber (1989), “a radiação do corpo negro e o efeito foto-elétrico”, são exemplos; eles contradizem a Física clássica. Então, eram ignorados, os físicos clássicos não os aceitavam. A Mecânica quântica aceitou-os e formulou teorias visando a explicá-los, sem descartar a Mecânica clássica – essa foi a mudança paradigmática. Contudo, é preciso estar atento, pois as novas descobertas complementam as anteriores, mas não as substituem; repetindo consideração anterior, o avanço da ciência não se faz por substituições paradigmáticas – o processo é cumulativo, evolucionário, ultrapassando a crença, exclusiva, na racionalidade.

A crença exclusiva, ou quase exclusiva, na racionalidade, de intelectuais, pesquisadores, enfim, de pessoas com formação universitária (graduação e pós-graduação) tem produzido um sem número de concepções de paradigma, restritas e estereotipadas, até muito personalizadas. Verifique a seguir.

Concepções de “paradigma” por universitários

Tendo constatado, no meu dia-a-dia, de professora universitária, orientadora e parecerista de trabalhos científicos, o emprego do vocábulo “paradigma”, ocorreu-me a idéia de contatar colegas, professores universitários, para verificar o conceito corrente dessa palavra. Pessoalmente ou por telefone dirigi-lhes, sem explicações, a pergunta: Fulano, o que é paradigma? E fui anotando as respostas, seguidas da idade, área científica e grau universitário de cada respondente; as 17 (dezesete) respostas obtidas serão transcritas, literalmente, a seguir.

Paradigma é:

1. um conjunto de conhecimentos que caracterizam uma posição ou um determinado tipo de ação. (72, Odontologia, Doutor)
2. uma explicação de algo que não é claro. (45, Psicologia, Mestre)
3. algo estabelecido que já é conceituado, epistemologicamente, e que vai direcionar ações, ideologias, representações, modos de vida. (33, Psicologia, Doutor)
4. algo pré-estabelecido, é uma forma de valor. (27, Psicologia, Especialista)
5. um modelo que norteia determinadas concepções. (29, Psicologia, Mestrando)

6. um padrão ou modelo que se adota. (37, Psicologia, Mestre)

7. um parâmetro que você utiliza para fazer alguma coisa. (47, Psicologia, Mestre)

8. uma teoria geral que dá cobertura para pensamentos, estudos, pesquisas etc.. (40, Biologia, Mestre e Doutorando)

9. um modelo científico para se fazer pesquisas, selecionar conteúdos de aulas. (48, Pedagogia, Mestre)

10. um conjunto de conceitos construídos como norma. (34, Psicologia, Mestre)

11. uma revolução de idéias, tipo Nova Era. (42, Pedagogia, Mestre)

12. um modelo ou padrão novo para a gente seguir para fazer pesquisas, teses. (51, História, Mestre)

13. a grosso modo, um modelo. (47, Psicologia, Mestre)

14. uma escola científica da Medicina, Psicologia, Odontologia, etc. que os profissionais dessas áreas escolheram para seguir. (53, Medicina, Especialista)

15. um princípio orientador e estruturador ou modelador de um sistema teórico, de valor, existencial etc.. (45, História, Doutor)

16. um modelo. (42, Biologia, Mestre e Doutorando)

17. se configura num modelo consagrado de idéias, posições e técnicas de determinada ciência. (40, Odontologia, Doutor)

Os 17 (dezessete) respondentes distribuem-se por 6 (seis) áreas acadêmicas, ocorrendo maior concentração em Psicologia (8 – 47,05%), seguida por Pedagogia, História, Biologia e Odontologia (2

– 11,76% cada área) e, por último, Medicina (1 – 5,88%). Do total de respondentes 13 (76,47%) são mulheres e 4 (23,53%) são homens; quanto à idade prevalece a faixa de 40 a 49 anos (9 / 52,95%), seguida da faixa de 30 a 39 anos (3 / 17,65%); em terceiro lugar estão as faixas de 20 a 29 anos e de 50 a 59 anos (2 / 11,76%) e, por último, a faixa de 70 a 79 anos (1 / 5,88%).

Quanto à titulação acadêmica, os respondentes distribuem-se em: doutores (4 – 23,53%), mestres (10 – 58,83%), dos quais são doutorandos, mestrando (1 – 5,88%) e especialistas (2 – 11,76%), havendo predominância, portanto, de mestres.

Considerando a pergunta feita – O que é paradigma? – o total das respostas conota a conceituação de paradigma como **modelo** ou **padrão**, mesmo com as diferenças na escolha de palavras para construir as frases-resposta.

Essa concepção geral, parece-me, cai no senso comum e, como tal, vai sendo transmitida de um para outro, de modo que nem fonte e nem receptor questionam a respeito desse significado. Fosse paradigma um modelo a ser seguido, qualquer pessoa que tivesse ascendência ou autoridade em qualquer ramo da ciência poderia formular o seu, transmiti-lo ou impô-lo à sua comunidade científica. Entretanto, os paradigmas não são personalizados, nem as mudanças paradigmáticas; contudo, provocam um impacto revolucionário mundial, pois o “zeitgeist” de um determinado momento histórico fica impregnado de um sentimento de que certas coisas precisam mudar e o espírito humano se abre para, temerosamente, acolher tais mudanças.

Nesse sentido, Capra, no prefácio da sua obra **O Ponto de Mutação**, em Berkeley, em abril de 1981, escreve: “Precisamos, pois, de um novo paradigma – uma visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores” (p. 14).

Considerando a crise de fragmentação, permeando todos os setores da vida humana, continua Capra:

“Essa nova visão inclui a emergente visão sistêmica de vida, mente, consciência e evolução; a correspondente abordagem holística da saúde e da cura; a integração dos enfoques ocidental e oriental da psicologia e da psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a economia e a tecnologia; e uma nova perspectiva ecológica e feminista, que é espiritual em sua estrutura essencial e acarreta profundas mudanças em nossas estruturas sociais e políticas” (p.14).

E conclui suas reflexões, afirmando que:

“... os conceitos e atitudes dominantes, em vários campos, refletem a mesma visão desequilibrada do mundo, que ainda é compartilhada pela maioria de nossa cultura, mas que está agora mudando rapidamente” (p.15).

Considerações Finais

Tememos mudanças? Tememos mudanças. As mudanças desalojam as pedras do grande “puzzle” existencial, que se pretende que fiquem em seus devidos lugares, por muito tempo. Entretanto, a Física contemporânea contemplou-nos com uma descoberta, fenomenológica – Na ordem do cosmo, a única coisa constante é a mudança. E mais, ensinou-nos que todo sistema saudável é sujeito a flutuações. O inverso disso é a entropia sistêmica – tendência natural de qualquer sistema, natural ou criado, à desorganização, à desordem, ao caos.

Tememos mudanças, pois, hoje, as mudanças são contínuas, se sucedem rapidamente e nos pegam de surpresa, nos deixam assoberbados, como bem definiu Alvin Tofler, lá nos idos dos anos 60

do século XX, em **O Choque do Futuro**. E que Land e Jarman (1991, p. 21) abordaram, 30 anos depois, com tanta propriedade:

“Fomos colhidos por uma mudança tão diferente de tudo o que veio antes, que demoliu por inteiro os padrões costumeiros. Ela nos aprisionou numa transformação todo-abrangente que vai reorganizar de maneira global tudo o que sabemos sobre viver neste mundo”.

E concitam os leitores a uma “compreensão das mudanças aparentemente caóticas que ocorrem à nossa volta – compreensão capaz de transformar ameaças em grandes oportunidades”(p.21).

Finalizando, considero que ninguém precisa saber definir o que é paradigma; nem usar essa palavra – um modismo – em sua linguagem corrente ou acadêmica, em seus trabalhos de pesquisa. O que precisamos – todos nós, doutores e leigos – é compreender as mudanças que são o próprio processo evolucionário, irreversível; nos dispormos a uma abertura mental para, todo dia, podermos rearranjar as pedras do grande “puzzle” existencial, conforme as mudanças forem sugerindo, pois “água estagnada apodrece” (LAO-TSE, séc. VI a.C.).

Referências Bibliográficas

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1989.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LAND, G. e JARMAN, B. **Ponto de Ruptura e Transformação**. São Paulo: Cultrix, 1991.

WILBER, K. A batalha dos paradigmas. **THOT**, nº 52, 1989, p. 69-78.